

TEXTOS INDIGENISTAS



CURT NIMUENDAJÚ

INTRODUÇÃO

Carlos de Araújo Moreira Neto

PREFÁCIO e COORDENAÇÃO:

Paulo Suess

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação
Câmara Brasileira do Livro, SP

N618t

Nimuendajú, Curt, 1883-1945.

Textos indigenistas : relatórios, monografias, cartas / Curt Nimuendajú ; introdução Carlos de Araújo Moreira Neto ; prefácio e coordenação Paulo Suess. -- São Paulo : Ed. Loyola, 1982.

(Coleção missão aberta ; 6)

Bibliografia.

1. Índios da América do Sul - Brasil I. Título.

82-1267

CDD-980.41

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Índios 980.41
2. Brasil : Povos indígenas 980.41
3. Índios : Brasil 980.41
4. Povos indígenas : Brasil 980.41

6

OS ÍNDIOS TUKUNA (1929)

Nome, território, número: A tribo conhecida aos Brasileiros e Peruanos sob o nome de "Ticunas" chama-se em sua própria língua Tūkūnã (com accento uniforme em todas as tres syllabas). Habita em territorio brasileiro especialmente os pequenos afluentes da margem esquerda do Solimões, entre a fronteira e São Paulo de Olivença: o Igarapé Mariçú (cerca de 120 cabeças), o Rio Tacana (200), o Igarapé de Belém (300), o Lago Cajary (80), o Igarapé Preto (300) e os dois Igarapés de Santa Rita (400); além destes logares existe esta tribo no alto Jacurapá, afluente da margem direita do baixo Içá (300), em ambas as margens e nas ilhas do Solimões até o Jundiatuba (400) e, espalhada, ainda mais abaixo e no próprio Içá. O número dos Tukuna brasileiros passa portanto de 2.000. Além da fronteira onde habitam especialmente nos rios Atacuári e Amacayácu o seu número é talvez de uns 1.000, de maneira que o total da tribo vae a mais de 3.000 cabeças.

Comissionado pelo S. P. I. estive em Novembro de 1929, 16 dias entre os Tukuna estabelecidos nos igarapés Preto e Belém e no Lago Cajary. Vizitei mais um bom número de sitios desta tribo nas margens do Solimões e recebi durante a minha permanencia nos barracões Belém e São Jeronymo diariamente as visitas de famílias de indios.

Constituição physica: É gente de estatura média. Os traços physionomicos são grosseiros; rostos passavelmente bonitos são raros. A abertura dos olhos é frequentemente obliqua. O nariz é saliente, o vomer convexo e a ponta bem desenvolvida. As zygommas são largas e salientes, o prognathismo é sensível, o mento acha-se fracamente desenvolvido. Os lábios são bastante grossos, os dentes muitas vezes em mau estado. Os cabellos são grossos, lisos e pretos, na infância muitas vezes arruivados. A barba é fraca e muitas vezes falta por completo, mesmo em indivíduos idosos.

O estado sanitário parecia no Igarapé Preto excellente; doenças venereas são desconhecidas; malária só apparece em casos avulsos e é sempre adquirida fóra, no serviço da extracção de madeiras, no Javary. Impressão menos favorável causam os indios do Igarapé de Belém, provavelmente em parte em consequencia do alcoolismo: São em geral mais fracos e de um aspecto um pouco degenerado; o purupurú preto do qual no Igarapé Preto só vi 2 ou 3 casos é no Igarapé de Belém muito comum.

Character e moral: O traço mais notável no caráter destes indios é a sua indole mansa e pacífica, mesmo submissa. Não me consta terem elles jamais reagidos com violencias contra os numerosos abusos dos civilizados: a reacção delles consiste unicamente em se repetirem fóra do contacto com aquelles que não lhes convêm, "fugindo", como dizem os seus patrões, para as cabeceiras dos igarapés e os centros da terra firme onde não há probabilidade de serem mais molestados. Ainda hoje soffrem pacientemente a tutela dos donos de barracões que decidem ao seu belprazer sobre os destinos dos indios, espézinhandos, conciente ou inconcientemente as suas instituições religiosas e sociaes.

Depois de dissipado o medo que o civilizado estranho lhes inspira são amáveis e hospitaleiros, mas sempre respeitadores e modestos em extremo: Nunca importunaram-me compedidos. A sua honestidade é notável: experimentei-a por diversas vezes; no emtanto os civilizados de Belém queixam-se de pequenos furtos commettidos pelos indios. Nunca notei leviandade no comportamento das moças e mulheres que são conhecidas pela sua fidelidade conjugal. Os mestiços são entre os Tukuna rarissimos. Só vi quatro indias prostitutas em Belém das quaes se serviam os indios trabalhadores do estabelecimento. Não mantinham relações com civilizados, e o seu comportamento não dava em vista.

O vício peor dos Tukuna, quasi o seu único é a embriaguez. Frequentemente fabricam em suas casas potes cheios de bebidas alcoolicas feitas de beijú de mandioca (payauarú), de macaxera (cajúma) e de milho (chicha). Bebados, tornam-se insolentes e

perigosos dando-se às vezes ferimentos mais ou menos graves nos conflictos que se estabelecem durante da intoxicação. Não são viciados no uso do tabaco: quasi só se vê os fumar à noitinha. O uso de mascar coca parecem ter abandonado hoje, pois só se referem a elle nas suas lendas.

Organisação social: A tribu Tukuna é composta de 19 (ou mais?) "Keá" (clans, parentellas), cada um por sua vez composto de grande número de familias. Estes Keá são divididos em dois partidos (phratrias) estrictamente exogamicas; os filhos pertencem ao Keá paterno.

1.^a phratría:

Nayí (Sauba)
 Āi (Onça)
 Áru (Auahy, arvore)
 Nāi (Pau)
 Tēma (Miryty)
 Čēē (Acapú)
 Ē (Genipapo)

2.^a phratría:

Tāu (Tucano)
 Tuyuyū (Tujujú)
 Aiwéru (Urumutum)
 Kāurē (Japihy)
 Naj (Arára vermelho)
 Nu/nā (Mutum fava)
 Bari (Japó)
 Kāwa (Maguary)
 Nāua (Socó)
 Ē/ča (Urubú rei)
 Dyawirú (Jaburú)
 Máyu (Mutum pinima)

Esta divisão e a resultante exogamia conservam mesmo os Tukuna já mais civilizados das margens do Solimões, oppondo a toda transgressão que a arbitrariedade dos seus tutores lhes queira impôr o argumento tenaz "Tupána fica zangado".

Cada clan tem os seus nomes pessoais próprios e a sua pintura característica pela qual se distingue nos dias de festa.

Qualquer organização politica hoje não existe mais. São divididos em bandos conforme o seu habitat nos diversos igarapés. Estes bandos mantem entre si pouca communição e, ás vezes, vivem mesmo em certa desconfiança uma contra a outra. Os seus patrões collocados em barracões na bocca dos igarapés habitados pelos indios, monopolizam todo contacto com elles e os determinam a seu criterio e interesse. Os actuaes "capitães" dos Tukuna são meros interpretes, pobres diabos condemnados a mentir aos seus compatriotas da tribu para agradar aos patrões, e a estes para se reconciliar com aquelles.

Festa da puberdade: A primeira menstruação a moça é reclusa num quartinho feito de palha na parede da casa paterna, depois levantam para ella uma especie de curral de paxiubas pintadas, tambem no interior da casa dentro do qual ella se demora invisivel aos demais até o dia da festa que a restitue o convívio social como mulher feita. Nesta ocasião ella se apresenta toda pintada de preto, com um coroa de pennas da caula do arára na cabeça, o corpo de pennas de tucano que pendem dos hombros em enfiadas, os braços e as pernas cingidas de ligas de algodão enfeitadas com pennas, muitos collares no pescoço e uma tanga de turury nos quadris. É esta festa composta de uma serie de actos symbolicos e significativos, notando-se especialmente o apparecimento de um número de dançadores mascarados representando animaes e demonios. As mascaras são vestimentas completas de turury pintado, com medonhas carrancas pretas com grandes narizes, dentes arreganhados, orelhas gigantescas e olhos de pedacinhos de vidro. O demonio do vento, Ama apparece munido de um enorme phallo de meio metro de comprimento por 10 cm de diametro. Algumas destas mascaras carregam pequenos tambores pendurados em paus artisticamente esculpidos em forma de peixes, jacarés e cobras estylizadas. A meia noite é demolido o curral e na manhã seguinte arrancam todos os cabellos da moça, havendo outra festa por ocasião do primeiro corte quando tiverem crescidos de novo. As ligas dos braços e das pernas só tiram quando a moça vae para o poder do seu marido. Não entro em mais minucias sobre estas cerimonias porque não assisti a nenhuma pessoalmente. Este rito da puberdade conservam os Tukuna com a mesma tenacidade com que insistem no cumprimento das leis da exogamia e no uso da sua lingua própria.

Os Tukuna admittem a polygamia: Vi um que tinha tres e diversos com duas mulheres. A grande superioridade numérica do sexo feminino nesta tribu favorece este costume.

Religião, pagés, enterro: Todos os índios com excepção de algumas criancinhas são baptizados catholicamente; nisto porem resume-se todo o seu christianismo. No seu intimo são hoje tão pagão quanto antes da descoberta. Como não assisti a nenhuma cerimonia religiosa delles as minhas observações sobre esta parte da sua civilização primitiva são inteiramente insufficientes. Parece-me que a sua religião se basea num cyclo de mythos astraes e na crença em demonios personificações da natureza da terra que habitam. Dos primeiros o mais importante é o *mytho dos irmãos Dyaí e Ipi:*

Ñutapa, enfurecido contra sua esposa, estaqueou-a de pernas abertas expondo as suas partes genitales ás moderduras das cabas mas o Cancan livrou-a e para vingá-la mandou as cabas atacar a Ñutapa. Em consecuencia das picaduras dellas formou-se no joelho direito de Ñutapa uma enorme inchação da qual nasceram emfim dois meninos: Dayái e Ipi, e duas meninas: Aike e Muwače. Ñutapa, em forma de veado é morto e devorado pela onça. Dyái e Ipi fazem piranhas de madeira enchendo com ellas o igarapé que a onça costumava passar por cima de um pau. Esfregando esta ponte com a gosma da ambauva para torna-la lisa, conseguiram que a onça escorregasse cahindo dentro do igarapé onde foi morta pelas piranhas. Da barriga do animal morto tiraram os restos de Ñutapa e Dyái recompondo-os reanimou-os com um pontapé. Ñutapa se levantou perguntando quanto tempo elle passara dormindo.

Dyái e Ipi foram ao matto e encontraram o demonio feminino Măcí soccando pó de paricá e cantando os nomes dos irmãos. Desconfiados desta cantiga, os dois fizeram cobras, escorpiões e myriapodes ao pé de uma ambauva, prohibindo ás folhas da arvore a voarem para junto de Măcí quando esta as fosse chamar para fazer dellas cinza. Măcí, indo finalmente em pessoa á arvore para buscar as folhas é morta pelos animaes venenosos. Dos ossos das pernas della os irmãos fizeram flautas, dando o resto do esqueleto aos diversos animaes para o mesmo fim.

Adeante encontraram os irmãos um bando de demonios Ūkai que vinham chegando para a sua casa para a refeição. Esperaram até elles sahirem novamente ao matto e envenenaram a agua do pote com a cinza de um sapo. Á tarde, voltando os Ūkai com sede, foram logo ao pote beber, cahindo mortos um apos do outro com excepção do ultimo que desconfiando não bebeu e fugiu.

Havia então na matta uma mulher fugindo com a sua filhinha dos Ūkai que tinham devorada a sua parentella toda. Ao atravessar um tirirical a menina chorou e não quiz ir mais adeante. A mãe della mandou-a então que fosse ter com Dyái. Este faz a menina trepar num umarizeiro onde ella se transformou numa fructa: por isso o seu nome é Těčariui. De noite ella cantou, tomou a sua forma humana e veio á cama de Oyai para brincar com elle. Ipi ouvindo o riso della perguntou ao irmão quem era. "Ninguém, respondeu Dyái, o quiricá (pesado pau em forma de meia lua para pizar milho) deu uma rizada porque fiz-lhe cocegas!" Então Ipi se levantou, foi buscar um quirica e deitou-se com elle fazendo-lhe cocegas, mas o pau não se ria. O mesmo insuccesso teve quando depois, querendo imitar o irmão foi buscar o coxo e mais tarde a vassoura. De manhã Těčariui transformou-se outravez em fructa

de umary cantando no galho da arvore os nomes dos dois irmãos. Ipi procurou debalde a pessoa que cantava, Dyai porem foi ao matto caçar. A meio dia a fructa amadureceu e cahiu. Ipi procurou-a por toda a parte mas ella se escondeu. Varreu então o chão todo debaixo da fructeira mas nada encontrou. De noite porem ella veio outravez á cama de Dyai: era já moça feita; não se ria mais e dormiu com Dyai. Ao amanhecer este escondeu-a dentro da sua flauta e foi ao matto.

Ipi foi ao rio pescar tamoatás. Voltou com um paneiro cheio, fez fogo debaixo do forno e despejou os peixes nelle. Sobre o forno quente os tamoatás pulavam e dansavam e Ipi pulava e dansava ao redor. Então Tēcariui vendo isto do seu esconderijo, deu uma risada. Immediatamente Ipi foi procura-la mas nada achou. Repetiu então a scena com os Tamoatá por duas vezes ainda e, finalmente, soprando na flauta, fez Tēcariui sahir. Agarrou-a e cohabitou com ella ao ponto de lhe sahir o esperma pela bocca e pelo nariz. Depois quiz novamente introduzila na flauta, mas estando ella já prenhe não coube mais dentro della. Então Ipi ficou com medo do irmão: esfregou a massa branca do coco de tucum na glande para dar-se a apparencia de que ha tempos não havia cohabitado com ninguem, e foi assim ao encontro de Dyai; este porem conheceu logo o que havia acontecido.

Chegou, pegou Tēcariui e sacudindo-a fez nascer della o menino Ciekī. Dyai mandou a Ipi que fosse buscar genipapo e obrigou-o a subir á arvore de cabeça para baixo para apanhar as fructas com os pés. Do alto da arvore Ipi gritou que estava vendo gente: eram os Cambeuas que desciam pelo Solimões de bobuia. Para maior castigo do irmão Dyai fez nascer no tronco do genipapero uma enorme orelha de pau, mas Ipi conseguiu transpor o obstaculo transformado numa tocandira. Então Dyai fez nascer ao pé da arvore uma moita de nanahy, Ipi porem deixou-se cair transformado num floco de algodão e chegou ao chão illeso.

Mandou depois Dyai que Ipi fosse ralar as fructas. Acabadas estas, Ipi quis parar mas Dyai fe-lo continuar a ralar até que ralou as mãos, os braços e o corpo todo ficando misturado com a massa do genipapo. Dyai pintou com a tinta o menino Ciekī, deitou o resto da massa no rio e fez sobre ella um curral para apanhar peixes. Muitos peixinhos entraram e criaram-se dentro do curral comendo a massa. Estando elles já grandes Dyai pegou do anzol, pondo por isca uma pedra. Todos os peixes que elle puxou transformaram-se em porcos; por isso estes tem a dentadura forte como pedra. Depois com a isca de milho verde puxou outros, e estes se transformaram em indios Tūkuna: porisso tem estes dentes pou-

co resistentes. Depois experimentou por muito tempo debalde puxar seu irmão. Finalmente entregou o anzol a Tëčarīui: "Veja si tu es capaz de puxar o teu maxo!" E imediatamente Ipi pegou na isca, deixou-se puxar para a terra e tomou sua figura primitiva. Dyaí então entregou-lhe o anzol para que puxasse também a gente delle, mas Ipi matou imediatamente todos os peixes que puxava sem lhes deixar tempo para tomar forma humana. Dyaí teve de instruí-lo como devia proceder, e então, com isca de macaxera Ipi puxou os Cocámas e demais índios do Amazonas peruano. Finalmente fez Dyaí do resto do bagaço os negros.

Depois disto os dois irmãos brigaram por causa da divisão da terra. Queria Ipi descer com a gente delle para o Oriente, como de facto foi. Mas estando elle dormindo Dyaí virou a terra, e assim Ipi ficou sempre do lado do Poente e Dyaí do lado do Nascente como elle queria. Lá, muito longe elle habita até hoje num lugar chamado Máruapi. Também Nūṭapa e Tëčarīui estão lá com elle, mas homem nenhum pode chegar lá. Em tempos antigos alguns conseguiram avistar Maruapi de longe, mas aproximando-se viam tudo transformado em arbustos cobertos de flores.

Dyaí é o pae da nação Tukuna, é "tupana", é Deus; Tëčarīui é Nossa Senhora.

Naturalmente os Tukuna tinham a princípio como outras tribus os seus pagés. Hoje estes "não existem mais" por ordem expressa e terminante dos patrões que não admittem que pessoa alguma afóra delles mesmo exerça qualquer influênciã sobre os índios. Que esta não-existencia porem não é para se tomar muito a serio prova o facto ocorrido ha poucos annos quando dois Tukuna, depois de uma lucta desesperada mataram um outro indio suspeito de ter causado com os seus feitiços a morte de varias crenças. O cadaver do feiticeiro foi despedaçado e os destroços atirados ao rio, não tanto por excesso de crueldade como pensaram os civilizados como provavelmente para aniquilar com o corpo do feiticeiro tambem a sua alma, julgada perigosissima depois da sua morte.

Os antigos Tukunas parecem ter usado o enterro sekundario em urnas como provam os restos de um vaso cheio de ossos que encontrei na rua do barração de Belém. Hoje sepultam os seus mortos nos cemeterios christãos. No dia de finados costumavam até pouco tempo depositar nestas sepulturas grande quantidade de comidas e bebidas até que tiveram de convencer-se que estas dadivas eram em unico proveito do pessoal do barração.

A religião dos Tukuna não conhece nem céu nem inferno. Identificam a alma com a sombra acreditando que depois da morte todos, bons e maus indistinctamente continuam nas vizinhanças do lugar onde habitavam, apparecendo ás vezes, mas só de noite, á vista dos vivos. Do "miseravel dogma de metempsychose" que segundo o Ouvidor Ribeiro Sampaio os Tukuna professam não achei indício, e nem tampouco da idolatria da qual os accusa aquelle mesmo autor que tomou mascaras de dança por idolos.

Moradias: Moram estes indios em casas na sua maioria isoladas e situadas nas margens dos cursos de agua maiores ou em distância destes em pequenos igarapés no centro. Ás vezes reúnem-se algumas familias (filhos e generos) na casa paterna ou constroem casas separadas mas a pequena distancia, formando porem nunca agrupamentos superiores a quatro. A comunicação é em canoa por agua, e por terra por meio de caminhos estreitos e mal conservados. A forma antiga da casa era oval, hoje porem quasi todos adoptaram a forma rectangular das casas dos civilizados. Raras vezes usam de paredes de paxiuba. Sempre ha debaixo da cumieira um espaçoso girau ao qual se sobe por meio de um motá e onde dormem as moças. Para os paes da familia e as crianças menores existe outro grande girau ha meio metro acima do chão. Nestes giraus dormem sobre pedaços de turury, e dentro dos mosquiteiros que todos possuem. As suas redes só servem para o descanso durante o dia. Há nestas casas quasi sempre um ou dois bancos compridos alem de um numero de pequenos banquinhos de estylo primitivo de apenas uns 10 cm de altura. Frequentemente encontra-se mascaras de dança já velhas e estragadas, amarradas aos esteios da casa e, pendendo da cumieira pacotes de vestimentas de mascaras e outros apetrechos de dança. Alguns potes enormes pintados de vermelho sobre fundo branco para as bebidas alcoolicas, cestos redondos para carregar, patuás de diversos tamanhos, tochas de cicantan, roupas e armas completam os detalhes do interior.

Nunca cozinham dentro da casa de morada mas sempre em um rancho separado ha 20-100 passos de distancia onde se encontra tudo o necessario para o fabrico da farinha e o preparo da comida alem dos potes com agua cobertos com cuyas. Nem lá nem cá existem giraus para depositar objectos de uso: tudo é mettido na palha da coberta ou pende de ganchos de pau amarrados nos caibros. Ao lado da cozinha estão os moquens sobre quatro forquilhas ou em forma de tripez, um grande filtro afunilado forrado com folhas para massa de mandioca, a armação para o tipity e um coxo com uma pesada taboa em forma de meia lua que lhes serve de nó, pois desconhecem por completo o pilão. No mais pertencem

cem a um estabelecimento Tukuna completo um galinheiro e um defumador, pois todos se empregam com mais ou menos dedicação ao fabrico de borracha.

As casas são soffrivelmente limpas. Existem sempre diversas vassouras com as quais varrem casa e terreiro. Não sente nenhum mau cheiro nas habitações, e não existem parasitas afora dos piohos que os Tukuna costumam comer. A praga dos mosquitos e maruins é porem em alguns pontos horrivel.

Vestimentas e enfeitos: É notável o apego dos Tukunas á vestimenta civilizada. De 4 annos para cima andam em geral todos vestidos; só no Igarapé Preto vi algumas mulheres nuas da cintura para cima. Os homens não usam nenhum enfeito a não ser a pintura de genipapo (nunca de urucú!) que entre as mulheres é mais frequente ainda, mesmo entre as mais civilizadas. Mulheres e crianças e especialmente moças usam de um ou mais collares de contas de vidro que ellas muito apreciam, de fructas pretas, pedacinhos de ossos, dentes de animais etc. Criancinhas usam nas munhecas aneis pretos de tucum e nelles pendurado as vezes algum dente ou unha de animal. Enfeitos de pennas só usam as moças na festa da puberdade.

De deformações do corpo só vi a perforação do lobulo da orelha no sexo feminino que e festejada solememente, e o costume em ambos os sexos de aguçar os incisivos superiores. Do antigo costume da incisão do prepucio e da excisão das labia minora nem lembrança mais persiste.

Instrumentos de musica: Vi poucos. O maracá de cuyeté é lhes inteiramente desconhecido. Em seu logar usam de ligas com cascas de fructas sonnantes (da arvore Auahy) abaixo do joelho quando dançam, ou amarradas em bastões (os mascarados). Existem flautas de Pan e gaitas com 5 furos para os dedos soprados pela ponta. Os tambores que usam são de construção moderna, são porem tangidos com uma só baqueta. O instrumento de musica mais caracteristico desta tribu é porem a uaricána, uma corneta ligeiramente conica formada por uma casca de pau enrollada em espiral. A que eu vi tinha metro e meio de comprimento, porem informaram-me que para as suas festas faziam dellas de 3 — 4 m de comprido com as quaes vão pelos igarapés e pelo Solimões tocando para convidar os membros da tribu.

Lavoura e criação: Os Tukuna possuem uma lavoura regular. As plantações estão sempre a pequena distancia das moradias. Plantam sobre tudo a mandioca, a macaxera e o milho, depois tambem ananá, melancia, jurumum, cará, batatas, canna, pimenta, e

algodão; nunca vi feijão de qualidade alguma. Ao redor das suas casas existem arvores fructíferas como pupunheiras, mangueiras, limoeiros e mesmo alguns pequenos cafézaes. Dos productos da sua lavoura exportam a farinha d'agua em regular quantidade. Esta industria porem não me parece ser original nesta tribu porquanto affirma a sua tradição que antes da chegada dos civilizados só empregavam a mandioca na forma de beijús e é de notar que na lingua Tukuna não existe palavra propria para a farinha d'agua que designam com o termo ui tirado da Lingua Geral.

A criação destes indios limita-se quasi exclusivamente a de galinhas para as quaes constroem perto das casas gallinheiros bem feitos: vi um que tinha até uma varanda! Possuem cachorros em numero regular e gostam de criar os filhos de toda espécie de animaes selvagens: vi nas casas delles porcos do matto, tamanduás, cutias, macacos, lontras e especialmente grande quantidade de pássaros soltos. Não maltratam os seus xerimbabos mas vendem-os facilmente.

Caça e pesca: Os Tukuna que habitam mais pelos centros da terra firma são em geral bons caçadores o que provam á primeira vista as grandes enfiadas de craneos de antas, porcos, pacas, cutias, macacos e de esternos de passaros que pendem dos caibros das suas casas. Não usam mais o arco para caçar que substituíram pela espingarda. Também a carutána está já cahindo em desuso. Assim foi que no Lago Cajary já não encontrei mais nenhum exemplar desta arma, e no Igarapé de Belém si existiam ainda algumas não havia mais ninguem que possuísse veneno para as flechinhas.

No Igarapé Preto conheci ainda dois indios tidos como bons fabricantes de curare. Assisti á fabricação deste veneno que é composto exclusivamente de substancias vegetaes sendo o seu principal componente a infusão filtrada da casca raspada de um cipó que chamam gūrè. Adicionam a esta mais a da raspagem de duas outras cascas de pau e de uma batata ralada que plantam nas suas roças. O liquido filtrado tem uma cor amarellada e é condensado por meio de fogo muito lento, derrubando um sedimento escuro que de quanto em quanto é retirado. É um trabalho que leva diversos dias e exige a attenção constante do fabricante.

O chuço de ponta envenenada (curaby) quasi já não se encontra mais; vi porem umas lanças de marajá com a ponta feita na propria haste que usam na caça ás onças e outros animaes pesados.

A pesca é executada por meio de tapagens, envenenamento da agua com timbó, com a flecha de duas a cinco pontas de ferro, a sararáca e o arpão. O arco dos Tukuna é chato do lado de fóra

e redondo pelo lado da corda; é muito alto mas flexível. As flechas são de cana braba e, mesmo sendo para a pesca, as vezes munidas de uma emplumação tangencial amarrada só nas duas extremidades. Todas as pontas são hoje de ferro e só a custo consegui ainda uma de osso bem trabalhada. Mas mesmo para a pesca o arco e a flecha estão cahindo em desuso.

As embarcações dos Tukunas são hoje uns cascos abertos a fogo e providos de um par de falcas e de rodella de popa e de proa. Os remos tem uma cabeça transversal e uma pá redonda que termina em ponta. Sempre a cabeça e a pá são tintas de preto ficando o cabo na sua cor natural. Nunca usam varas para empurrar a embarcação.

Os indios do Lago Cajary e os das margens e ilhas do Solimões são bons pescadores e vendem regular quantia de pirarucú.

Industrias primitivas: As mulheres tukunas são boas louceiras. Potes, panellas e pratos ellas não só fabricam para o seu proprio uso mas ainda fornecem estes artigos aos civilizados. Fazem fornos para torrar farinha, com beira levantada. Os ralos antigamente eram feitos de pontinhas de pedra engastadas numa taboa; hoje usam em lugar da pedra pontas de prego. As cuyas são cobertas de um lacre preto pelo lado interior e apresentam as vezes ornamentos gravados do lado opposto. A arte de tecer com talas produz tipitys, peneiras, cestos de carregar e cestos com tampa de varios tamanhos que tambem vendem aos civilizados. Os seus abanos nunca são de tecido mas sempre formados por uma aza de passaro (mutum, jacu).

Não conhecem o puçá para pescar mas fazem de fios de tucum umas redes em forma de saccos rectangulares em que guardam os seus objectos. Do mesmo material fazem umas patronas muito bonitas e as suas maqueiras que apresentam bonitos ornamentos formados por fios pretos ou de côr; como não dormem nellas são em geral muito pequenas para o nosso uso. Em tudo empregam o fio de tucum torcido na coxa ou na barriga. O emprego de algodão entre elles é diminuto limitando-se ao que me parece, ás ligas usadas pelas moças. Uma inovação formam as colheres de pau muito bem esculpidas e as vezes de enormes dimensões. Designam-as com o nome portuguez corrompido: kuyéra.

Relações com civilizados: a.) Belém. A propriedade Belém produz borracha e assucar e cachaça. Para esta última industria ella dispõe de canaviaes de regular extensão. Tanto num como noutro ramo o trabalho é feito quasi exclusivamente por

indios Tukuna. O arrendatario organizou para este fim diversas turmas de trabalhadores que depois de certo tempo são substituídas umas pelas outras, voltando os que trabalharam para os seus lares. Poucos indios são empregados effectivos do estabelecimento. O recrutamento da nova turma produz-se com facilidade devido ao genio manso e submisso destes indios, e só alguns estabelecidos no alto Tacana parecem às vezes obedecer com certa reluctancia. O tratamento durante o trabalho não é mau. O arrendatario não permite que os seus encarregados tratem os indios com aspereza e impõe respeito ás familias delles, sob pena de demissão immediata e responsabilidade pelo prejuizo resultante de um conflicto. Que a sua condescendencia com os pequenos defeitos dos seus trabalhadores indios é um facto prova sobretudo a visivel indignação dos civilizados quando se referem a esta orientação do patrão que lhes parece exagerada e injusta. A diaria dos trabalhadores é de 3\$000 mas se reduz a uma ninharia devido aos preços elevadissimos das mercadorias. Os indios com raras excepções não devem ao barracão e no fim da quinzena recebem lá o seu pequeno saldo que tiveram em mercadorias. Desconhecem o dinheiro que usam unicamente como efeito, perfurando as moedas e enfiando-as nos seus collares. Mal recompensados, comtudo não lhes faltam as mercadorias mais necessárias: Todos elles, mesmo as crianças possuem roupas; mosquiteiros existem em numero sufficiente e não notei falta de ferramentas agricolas.

Os males que o trabalho no barracão causa aos indios tem a sua origem muito menos na pessoa do seu actual patrão como no character do estabelecimento, pois são as consequencias funestas do industrialismo em geral e do alcool. Este último é sem duvida o peor e os seus efeitos dão immediatamente na vista: Comparados com os indios do Igarapé Preto onde a cachaça só apparece excepcionalmente e em diminutas quantidades, os do Igarapé de Belém causam a impressão de fracos, menos sadios e degenerados. Notei com enorme satisfação o esforço do actual patrão ao reduzir ao menos possível as rações de cachaça, contrariando mesmo com isto profundamente os indios que se queixaram a mim que no tempo de seu antigo patrão, o finado snr Romualdo Mafra eles recebiam a cachaça a vontade quanto o seu actual patrão se mostrava cada vez mais mesquinho. Naquelles tempos eram frequentes as desordens sangrentas entre os indios, tanto no barracão como dentro do seu igarapé em consequencia da cachaça, quanto hoje já se dão raras vezes.

O outro mal que o trabalho prolongado no barracão causa é que afasta a mocidade masculina do convivio da tribu em geral e

da vida familiar em especial. Como o trabalho não é excessivo, a comida abundante e a ração de cachaça garantida, muitos rapazes costumam-se á vida de trabalhador solteiro preferindo-a aos cuidados que a constituição de uma familia lhes imporia.

Outra calamidade consiste na intervenção do patrão na vida particular dos indios e nos seus costumes sociaes e religiosos, á qual o patrão se julga com direito para augmentar-lhes a produtividade industrial. Romualdo Mafra chegou a prohibir as festas da puberdade porque desviavam os indios dos seus trabalhos de seringueiros. O actual patrão não vae até tal absurdo mas exige-lhes que peçam para este fim como para a celebração de qualquer outra cerimonia, licença previa, fixando elle a data da festa para uma epoca que melhor lhe convier e aos seus negocios, sem o menor respeito ás leis religiosas dos indios que prescrevem a celebração em epocas astronomicamente determinadas.

Outra intervenção descabida consiste na intervenção do patrão na constituição da familia do indio, isto é na pretensão de querer lhes prescrever si devem casar-se ou não e com quem, sempre de accordo com os interesses do estabelecimento para o qual trabalham mas desrespeitando a organização social dos indios exposta em capitulo anterior deste relatorio e que regula os seus casamentos pela divisão em clans e phratrias exogamicas.

b) São Jeronymo. — Em S. Jeronymo, propriedade do snr Manuel Mafra notei immediatamente com grande satisfação a cordialidade existente entre a familia do patrão e as dos indios. Muitas vezes encontrei a sala da casa de morada cheia de mulheres e crianças indias que se agrupavam nos bancos e no assoalho ao longo das paredes, e no meio dellas a dona e as filhas da casa, todas na maior harmonia. Em Belém cujo arrendatário é solteiro, falta este quadro attrahente.

Como na propriedade S. Jeronymo não existe lavoura, os indios são exclusivamente seringueiros e lavradores por conta própria, fabricando especialmente farinha de que o barracão necessita. Certo número de homens acompanha o patrão na extracção de madeiras no Rio Javary, trabalho este que me pareceu ser lhes bastante prejudicial apesar do ganho ser melhor, pois facilmente adoe-cem naquelle rio insalubre começando a levar o flagello do paludismo ao Igarapé Preto, até então invejavelmente sadio. Durante a minha prolongada estada no Igarapé Preto e em São Jeronymo nunca senti nem o cheiro sequer da cachaça.

Devido á convivencia com a familia do patrão os indios do Igarapé Preto são mais confiantes e menos timidos que os do Iga-

rapé Belém. Conservam melhor que estes os seus usos e objectos primitivos e são em geral mais pobres. Contudo acho as suas condições preferíveis aquellas dos indios de Belém. Basta para provar isto a quantidade grande de crianças sadias numa porcentagem como até então tinha observado entre tribu alguma. Pelo facto de serem menos humilhados (Em Belém grandes e pequenos costumam beijar as mãos ao branco!!) e mais independente um pouco gozam os outros donos de barracões da fama de rebeldes e indisciplinados, qualidades estas das quaes nada pude perceber na convivencia delles comigo e com os seus patrões.

c.) A missão religiosa. — Em viagem ao Solimões fui companheiro de dois missionários capuchinhos: Fr. Domingos, um velhinho bondoso e sympathico, intelligente e estudioso, o outro, Fr. Antonio, sabendo que me dirigia aos indios Tukuna, saltou-me na frente com a affirmação de que nada conseguiria, primeiro porque os proprietários haviam de vedar-me a entrada e depois porque os indios eram “uns bichos! uns verdadeiros animaes!” (sic. Fr. Antonino). Á vista de tal juizo que os missionarios fazem dos indios não é admirar muito que elles nunca tenham tentado coisa alguma em benefício delles. Limitam-se de ir de tempo em tempo aos estabelecimentos acima referidos onde os pobres “bichos” que tem pelos religiosos uma profunda veneração se reúnem promptamente á noticia da chegada delles, para baptizar e cazar todos que pelo bestunto do patrão se acham em condições para tal, correndo as despezas por conta dos donos dos barracões que vêem nisto um meio seguro para o seu predomínio sobre os indios. Nenhum Tukuna recebe o mais ligeiro ensino religioso.

Tiveram porem o desplante de obrigar os indios do Igarapé Belém por intermedio do seu patrão a simular ad hoc uma cerimonia da puberdade o que muito contrariou os ditos indios. Esta comedia foi filmada e photographada por um profissional que os frades levaram para esse fim, sendo o resultado remettido para a Exposição do Vaticano em Roma, naturalmente para demonstrar o zelo dos missionários da Prelacia do Alto Solimões junto dos indios pagãos.

d.) O Serviço de Protecção aos Indios. Muitos civilizados da zona sómente conhecem o SPI de nome e por tendenciosas informações, os indios nada absolutamente sabem da existencia delle. O delegado do SPI ao qual compete a vigilância da zona em questão, o snr Mirandolino Caldas em Tupy goza de geral estima entre a população, mas nunca vae áquelles centros, nem os indios de lá vão ter com elle nem toma elle conhecimento das relações dos indios com os seus patrões. Consta-me que o snr M. Caldas tem

na sua propriedade Tupy um numero de familias de indios hoje já bastante limitado que vivem em condições de aggregados.

A língua: P. Rivet no seu estudo: Affinités du Ticuna. Journal de la Société des Américaniste de Paris, ix. 1912) classificou a lingua Tukuna na familia linguistica Aruak. As provas para tal classificação parecem-me no entanto bastante fracas. Mais claras são as relações de parentesco com a lingua hoje extincta dos indios Yuri, ex-habitantes do curso inferior do Rio Yapurá, parentesco que não só se manifesta lexicologicamente como também grammaticalmente no systema pronominal e para o qual o proprio Rivet já chamou a attenção.

Phoneticamente a lingua Tukuna caracteriza-se pela frequencia de vogaes gutturaes (a, e, i, u; um verdadeiro —o— falta), pela ausencia de conjucções de consoantes e de todos sibilantes (s, z, ch, j), pelo final exclusivamente vogal e por um som produzido pelo momentaneo fechamento da fenda da glotte (o. “/” do meu vocabulário).

O systema pronominal parece extremamente simples, empregando-se a mesma serie de pronomes como pessoas, possessivos e para a conjugação dos verbos. Para a terceira pessoa existem formas differentes para o masculino e feminino distincão esta que não se parece estender porem aos substantivos e adjectivos como custuma acontecer nas linguas da familia Aruak. Contam pelo systema quinar em que vão com difficuldade até 20.

Mesmo entre os homens da tribu Tukuna os que conhecem alguma coisa do portuguez formam uma minoria insignificante.

Lista de palavras (extrahida do vocabulario mais extenso do autor). Signaes diacriticos: ˘ :accento tonico. ˜ :nasal. ˙ :guttural. -: vogal longa. ˇ :vogal breve.

ã entre a e o. u: entre ʉ e o. Um verdadeiro o não existe.

ë: entre a e e, e entre e e i.

ç: ch castelhano

g: sempre guttural, mesmo ante de e e i

ñ: n (g)

r: sempre palatal, mesmo no inicio

w: como em inglez

y: idem

/: fechamento da fenda da glotte.

Cabeça	(čau-) éru
Olho	(čau-) ěti
Nariz	(cau-) rā
Orelha	(na-) čini
Bocca	(čau-) a
Dente	(čau-) puṭa
Lingua	(č-iri-) káne
Cabello	(čau-dyāē
Mão	(čau-) mē
Pé	(ča-) kuti
Sol	jaké
Lua	tawēmake
Estrella	ě/ta
Chuva	puḱi
Fogo	ęi
Terra	waijma
Pedra	nṭa
Macaco	taikirē
Onça	ái
Veado	dyāwē
Anta	nāki
Urubú	nuruku
Arára	nái
Mutum	nṭ/nā
Jacaré	kaya
Sucuriyú	dyái
Peixe	čai
Pau	nái
Mandioca	awa
Milho	čawí
Algodão	ti
Tabaco	pári
Homem	dyati
Mulher	nē
Criança	būa
Pae	(čau-) náti
Mãe	(na-) ě
Casa	ĩ
Rede	nāpa
Panella	büētērē
Machado	dyuéma
Carauatána	ię
Arco	wurá
Flecha	dē/nē

minha mão	ča-mě
tua mão	ku-mě
a mão delle	na-mě
a mão della	ne-mě
nossas mãos	ta-mě
vossas mãos	pě-mě
as mãos delles	na-mě
as mãos dellas	ne-mě

1	w̄i
2	tārē
3	tamái-pi
4	āgémaki
5	w̄i-mě-pi
6	nemeere-w̄i
7	nemeere-tārē
8	nemeere-tamái-pi
9	nameere-āgémaki
10	tā-mě-pi
11	ta-kutti-wére-w̄i
15	w̄i-kutti-yagũ
20	tā-kuté-pi

vermelho	dáu
azul	dyáu
branco	ča
preto	wāi
grande	ta
pequeno	ira
dormir	na-pě
matar	t̄imá
beber	dyaāi
comer	na-čibę

Belém do Pará, 10 de dezembro de 1929

Curt Nimuendaju